

Tendências e Perspectivas no Campo do Currículo

Para acompanhar ou entender os debates hoje presentes no campo do currículo, é importante mapear esse campo, buscando traçar sua evolução ao longo das últimas décadas, identificando a origem e a trajetória das diferentes perspectivas nessa área. Para realizar esse trabalho seria conveniente, inicialmente, procurar definir o que entendemos por currículo. Contudo, isto não é uma tarefa fácil, pois se perguntarmos a diferentes pessoas o que elas entendem por currículo, iremos constatar que teremos respostas bastante diversas. Como muitos outros termos e expressões, "currículo" tem tido seu significado modificado ao longo do tempo, assim como tem sido visto e abordado em diferentes perspectivas, de acordo com as diversas concepções presentes no campo educacional. Enquanto para alguns grupos currículo significa a organização das matérias escolares, ou o elenco de disciplinas e conteúdos de um

curso, para outros currículo é visto como o conjunto de experiências trabalhadas pela escola. Currículo pode ainda ser considerado como um processo que inclui a seleção dos conteúdos culturais que o sistema educacional define como importantes para a socialização das novas gerações.

De uma maneira geral, podemos dizer que, tradicionalmente, duas grandes tendências marcaram essa área. Uma delas estaria vinculada àqueles que vêem currículo como conjunto de conteúdos, e a outra corresponderia à visão daqueles que consideram currículo como o conjunto de experiências vivenciadas na escola ou sob a supervisão desta. Na nossa prática cotidiana, observamos que a primeira tendência é defendida por aqueles que hoje são chamados de conteudistas, ou seja, aqueles que entendem que o objetivo maior da escola é a transmissão de conteúdos considerados importantes para a vida das pessoas.

Sabemos também que há muita divergência em relação à importância dos diferentes saberes sociais e, conseqüentemente, diferentes pontos de vista sobre aquilo que a escola deva ensinar.

Na segunda tendência se encontram aqueles que argumentam que o fundamental na educação são as experiências vivenciadas pelo educando. Desta forma, o significado das experiências vivenciadas na escola é o aspecto fundamental do currículo. Fica evidente que, no primeiro caso, a ênfase está posta no conteúdo, ou seja, em "o que ensinar", e no segundo caso na forma, isto é, em "como ensinar". É claro que essas duas tendências não se excluem, pois uma pressupõe a outra, uma vez que não existe conteúdo sem forma, ou forma sem conteúdo.

Todas essas questões estão presentes no campo do currículo, praticamente, desde sua emergência, o que reitera nossa proposta em estudar o desenvolvimento dessa área para identificar a origem das diferentes concepções e

¹ Doutora pelo Instituto de Educação da Universidade de Londres e professora da Faculdade de Educação da UFMG.

orientações que nela hoje predominam. É importante, nesse ponto, explicarmos que iremos trabalhar com o desenvolvimento do campo nos Estados Unidos por dois motivos. Primeiro, porque os estudos sobre currículo no Brasil estão fortemente marcados pela tradição norte-americana e, segundo, porque mesmo recentemente, a partir da década de 90, quando começam a se expandir os estudos sobre currículo no Brasil, permanece nítida a influência da literatura daquele país na produção brasileira nesse campo².

Alguns educadores, ao discutirem a origem do campo, buscam identificar quando e em que sentido a palavra currículo começou a circular no meio educacional. Outros entendem que a preocupação com o desenvolvimento do currículo surge juntamente com a fragmentação do conhecimento, que ocorre com a introdução das disciplinas escolares, fenômeno que pode ser localizado há três séculos atrás. Outros eventos e épocas são apontados como ligados ao surgimento do campo. De uma maneira geral, podemos

dizer que todo processo de educação sistematizado ou formalizado traz consigo a preocupação com o currículo, ou seja, com os conteúdos e experiências selecionados da cultura mais ampla para serem transmitidos às novas gerações. No entanto, como campo de estudo, podemos dizer que este se configura no início deste século, sendo apontado como data de seu surgimento a publicação do livro de Franklin Bobbit, denominado "O Currículo", em 1918.

É importante entender o contexto educacional que propiciou a emergência dessa área de estudos. Na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos, estava sendo organizado o sistema de educação pública, na forma como hoje o concebemos. Nesse período, os fundamentos para a definição do currículo advinham da psicologia, onde dominava a corrente denominada de psicologia das faculdades ou da disciplina mental. Podemos dizer que, para esta corrente, a mente era considerada como um músculo cujo desenvolvimento dependia de exercícios repetidos. O objetivo da educação era expandir o poder da mente e preenchê-la com o conhecimento, sendo o primeiro propósito o mais importante dos dois. Em consequência, o foco dos métodos instrucionais estava na memorização e recitação e a compreensão era considerada como algo secundário. Nesse

contexto, por exemplo, Latim deveria ser ensinado, porque seu estudo permitiria o desenvolvimento das faculdades mentais.

Todavia, o campo do currículo, como de resto toda a educação, apesar da hegemonia de determinadas idéias em certas épocas, encontrava sempre vozes discordantes ou movimentos em direções opostas se desenvolvendo e se articulando em busca de legitimidade. Uma voz dissonante daquelas que se fundamentavam na psicologia das faculdades mentais, foi a de Herbert Spencer, que em 1860, publicava nos Estados Unidos um ensaio famoso intitulado "Qual conhecimento é de maior valor?". Nessa obra, Spencer classificava as atividades da vida em ordem de importância, privilegiando, primeiramente, aquelas relacionadas com a sobrevivência, chegando até aquelas que dão suporte às relações sociais e políticas, bem como as que se voltam para o tempo de lazer. Spencer insistia, ainda, que se deveria contar às crianças o mínimo possível e induzi-las a descobrir o máximo possível³.

Nas últimas décadas do século XIX tiveram uma grande penetração nos Estados Unidos as idéias de Johann

² Hoje é inegável a influência das obras de autores americanos nos estudos sobre currículo no Brasil. Exemplo disso são as obras de Ralph Tyler, Hilda Taba e, recentemente, aquelas produzidas por autores como Henry Giroux e Michael Apple.

³ Hamilton, D. Curriculum History. Geelong, Victoria, Austrália: Deakin University Press, 1990.

Friedrich Herbart, psicólogo, filósofo e educador alemão.

do indivíduo repete o desenvolvimento ou a evolução da espécie. Essa teoria de que a ontogênese repete a filogênese continua a ter influência ainda hoje, no cam-

Para Herbart, o Currículo deveria manter uma unidade através da concentração em determinadas temáticas e da correlação entre os conteúdos.

Influenciado pelas idéias de Pestalozzi, para quem a mente da criança era mais ativa que passiva, incluindo habilidades tais como percepção, análise e generalização, Herbart desenvolveu algumas teorias no campo educacional com metodologia e conteúdos específicos. Para Herbart, o Currículo deveria manter uma unidade através da concentração em determinadas temáticas e da correlação entre os conteúdos. Herbart teve muitos seguidores que incorporaram suas idéias, assim como também trouxeram contribuições ao movimento conhecido como Herbartianismo. Central a este movimento eram as idéias de "centro de concentração" e de "épocas culturais". De acordo com os centros de concentração, o currículo deveria ser organizado por tópicos, sendo que um tópico central deveria ser explorado ao longo de um ano. Em relação à questão da época cultural, ela se referia à idéia de que o desenvolvimento individual da criança segue os estágios do próprio desenvolvimento histórico do homem, ou seja, o desenvolvimento

po educacional, apesar da pouca importância que ela atribui ao ambiente externo, o que reduz, consideravelmente, o próprio poder da escola.

Para Herbart, o Currículo deveria manter uma unidade através da concentração em determinadas temáticas e da correlação entre os conteúdos.

Muitos americanos foram para a Alemanha estudar as idéias de Herbart, e no início do século foram publicados vários livros divulgando o pensamento herbartiano. Em pouco tempo se popularizava o método de ensino, desenvolvido por Herbart, composto de cinco passos (preparação, apresentação, associação, generalização e aplicação). O entusiasmo por um método universal de ensino, de certa forma, se expandiu tão amplamente que esta se tornou a questão central no campo do currículo. Contudo, pouco a pouco vai decrescendo a influência de Herbart no cenário educacional americano. Apesar disso, é importante ressaltar que suas idéias contribuíram para o declínio das propostas

curriculares baseadas na psicologia das faculdades mentais. Além disso, a idéia de correlação desenvolvida por Herbart permanece até hoje, podendo ser relacionada com a moderna concepção de interdisciplinaridade.

No final do século, um outro movimento se configura e rivaliza em popularidade pedagógica com o Herbartianismo. É o movimento que advoga o ensino centrado na criança. Influenciado pelas idéias de Herbart, Pestalozzi e Froebel, Francis Wayland Parker, de forma pioneira, coloca a criança como o centro do currículo, defendendo também a idéia herbartiana da concentração do currículo em determinados temas. Devido à sua posição entre o Herbartianismo e o Progressivismo, o trabalho de Parker pode ser considerado como parte da transição entre o primeiro e o segundo movimentos.

Outra figura de transição entre o dois movimentos citados foi Stanley Hall, psicólogo, para quem também a ontogênese recapitula a filogênese. Sobre sua orientação se organizaram publicações e centros de pesquisas de grande influência no movimento da educação centrada na criança.

A importância de Hall para a área de currículo foi muito grande. Ele preconizava que o desenvolvimento da criança se dava através de estágios e esta idéia serviu para legitimar, administrativamente, a organização da escola em séries.

Os estudos de Hall eram fundamentados em medidas e outros dados quantitativos, em uma abordagem experimental.

currículo estavam mais voltadas para o processo de ensino, embora questões mais amplas sobre a organização desse processo estivessem presentes. Somente no século XX se ampliam as discussões e estudos sobre a organização curricular.

Nas primeiras décadas deste século, sob a influência do taylorismo e do impacto que essa teoria estava provocando no mundo empresarial, os homens de negócio começam a pressionar a escola no sentido de que ela

A importância de Hall para a área de currículo foi muito grande. Ele preconizava que o desenvolvimento da criança se dava através de estágios e esta idéia serviu para legitimar, administrativamente, a organização da escola em séries.

No entanto, Edward L. Thorndike, contemporâneo de Hall, é considerado a figura de maior expressão da psicologia experimental, que tanta influência teve no campo educacional, sobretudo no campo do currículo. Crítico da psicologia das faculdades mentais, Thorndike defendia uma abordagem científica da psicologia, cujas pesquisas deveriam adotar os métodos das ciências físicas. Para Thorndike, fundamentando-se em uma abordagem científica, a educação seria uma forma de engenharia humana que iria se desenvolver através de sistemas de medidas, da mesma forma como se havia desenvolvido a engenharia elétrica.

Todas essas propostas ou abordagens no campo do

busque a mesma eficiência alcançada no terreno industrial. É nesse contexto que se desenvolve um movimento na educação, conhecido como “eficiência social”, no qual o currículo passa a ser visto como algo a ser organizado dentro da lógica da linha de montagem, através da qual cidadãos úteis, do ponto de vista econômico e social, seriam produzidos. Foi neste cenário que Bobbit, considerado um dos pioneiros do campo, publicou seu livro, cuja idéia central era de que o currículo deveria preparar os adultos para assumirem as tarefas do mundo adulto.

Ainda dentro da orientação do movimento da eficiência social, em 1923, Werret Chatters publica um livro denominado “Construção do

Currículo”. Essa publicação, como a de Bobbit, mostra uma mudança de foco no campo do currículo que irá permanecer por muitas décadas. A teoria curricular deixa de focalizar sua atenção nos conteúdos escolares para focalizá-la nos métodos de ensino. Ao invés da velha questão sobre que conhecimentos valem a pena ser ensinados, a preocupação central passa a ser a definição dos meios a serem usados no ensino. Contrapondo-se à orientação do movimento da eficiência social e desenvolvendo as idéias do movimento que advogava uma educação centrada na criança, se organiza o movimento denominado de Educação Progressiva. Para este movimento, o sistema educacional era considerado um instrumento de grande potencial para modificar a sociedade. Um dos maiores expoentes desse movimento foi John Dewey, que levantou uma séria crítica às práticas vigentes nas escolas, argumentando que a experiência da criança deveria ser a base do currículo. Desta forma, os objetivos da educação voltados para a melhora da sociedade só seriam alcançados se a escola se organizasse em torno dos interesses e necessidades da criança.

Também influenciado pelas idéias de Dewey, William Kilpatrick publicou, no mesmo ano em que Bobbit lançou seu livro sobre currículo, a obra intitulada “O método de Projeto”. Apesar da insistência

do autor, de que o projeto era um método e não uma teoria completa de currículo, na verdade o método de projetos foi discutido como se fosse uma teoria completa para o desenvolvimento do currículo. Alguns educadores criticaram esse método, alegando que um currículo desenvolvido inteiramente através de projetos poderia se tornar fragmentário. Além disso, foram levantadas questões sobre a possibilidade dos projetos se concentrarem em atividades práticas, proporcionando pouca oportunidade para o desenvolvimento de habilidades cognitivas mais complexas.

Fica claro que, já nas primeiras décadas do século, vão se cristalizando e se definindo duas principais abordagens no campo do currículo - uma relacionada como movimento de eficiência e a outra ligada ao movimento Progressivista. Por um lado, a primeira corrente tem como base o modelo de administração da indústria, defendendo a utilização no campo educacional de procedimentos desenvolvidos para a área empresarial, com o objetivo de melhorar o desempenho do sistema educacional. Por outro lado, a segunda tendência vê a escola como uma agência de mudança social e considera que a educação deva contemplar tanto os interesses dos estudantes como as necessidades sociais. Estas duas tendências marcam o campo do currículo e sua influência ainda se faz presente em nossos dias.

Traçamos o panorama do quadro educacional que vai desde o fim do século passado até o início deste, no sentido de mostrar as matrizes de diferentes posições e tendências presentes hoje no campo educacional e especificamente no campo do currículo. É intrigante como várias idéias e problemas abordados nas primeiras

É intrigante como várias idéias e problemas abordados nas primeiras décadas desse século permanecem atuais. Este é o caso, por exemplo, da identificação dos estágios no desenvolvimento da criança, da preocupação em colocar o aluno como centro da aprendizagem e, até mesmo, algumas propostas pedagógicas, como o método de projetos, até hoje tão difundido entre nós.

décadas desse século permanecem atuais. Este é o caso, por exemplo, da identificação dos estágios no desenvolvimento da criança, da preocupação em colocar o aluno como centro da aprendizagem e, até mesmo, algumas propostas pedagógicas, como o método de projetos, até hoje tão difundido entre nós.

A partir, sobretudo dos anos 30, a preocupação com a prática curricular leva ao desenvolvimento do que é considerada uma posição eclética, ou seja, a produção no campo do currículo utiliza as contribuições das duas tendências acima citadas, sem nenhum receio em conjugá-

las. É um período onde os manuais de currículo estão voltados para a indicação de princípios básicos para o desenvolvimento do currículo.

É neste cenário que a obra de Ralph Tyler, intitulada "Princípios Básicos de Currículo e Instrução", tem grande repercussão. O livro de Tyler é um manual sobre o desenvolvimento do currículo. Nele, o autor discute quais os principais elementos a serem considerados na organização do currículo, e a forma como esses elementos devem ser trabalhados e organizados. Os historiadores do campo do currículo consideram que Tyler foi a figura de maior influência nesse campo. Criticado pelo caráter prescritivo de sua proposta, Tyler conseguiu um reconhecimento internacional, talvez pelo caráter

prático de sua obra, fornecendo "pistas" para aqueles que estão desenvolvendo propostas curriculares.

No período imediatamente posterior à Segunda Guerra, continua a dominar esse ecletismo teórico, voltado, principalmente, para o desenvolvimento curricular. No entanto, o lançamento do Sputnik pela antiga União Soviética, em 1957, levou os norte-americanos a colocarem em destaque as questões educacionais e, no interior destas, o debate sobre o currículo. Um marco desse período foi a Conferência de Woods Hole, para a qual foram convidados psicólogos e cientistas das diferentes áreas, mas não curriculistas. Ganham destaque nessa conferência as idéias e propostas defendidas por Jerome Bruner. Sua posição está expressa no livro "O Processo da Educação", no qual Bruner desenvolve a idéia de um currículo baseado na noção da estrutura das disciplinas. Seu argumento é de que cada disciplina tem uma estrutura particular que deve se tornar acessível ao estudante, pois entendendo a estrutura da disciplina torna-se possível entender como funciona um determinado campo de estudo.

A proposta de Bruner, depois de algum tempo, passa a sofrer várias críticas, sobretudo por parte daqueles preocupados com uma

orientação curricular de cunho mais humanista.

Torna-se necessário ressaltar que na década de 60, vai se organizando e se fortalecendo o movimento denominado de Tecnologia Educacional. Esse movimento, herdeiro do movimento da Eficiência Social, fundamentado na psicologia comportamental, nas teorias da comunicação e no enfoque sistêmico, considerava que a maior preocupação no campo do currículo é o desenvolvimento de meios para alcançar determinados fins. Abordava a escola como um sistema complexo, cujos componentes deveriam ser analisados no sentido de ter um controle sobre esse sistema, para que as metas educacionais pudessem ser

neomarxismo, a psicanálise e a fenomenologia passam a ter crescente prestígio, o que repercute no campo educacional.

Uma nova era para o campo do currículo se delineia com o movimento denominado de Reconceitualização. Este movimento tem como marca a Conferência ocorrida, em 1973, na Universidade de Rochester. Nesse momento já se delineiam duas tendências distintas. A primeira delas se desenvolve sob a influência das teorias neomarxistas e a segunda é considerada de orientação humanista, influenciada sobretudo pela fenomenologia. De acordo com

De acordo com estudiosos do campo do currículo, a principal consequência deste movimento de reconceitualização é que ele produz, de certa forma, uma mudança paradigmática no campo do currículo. A preocupação com o desenvolvimento curricular é substituída pelo interesse na compreensão do currículo.

alcançadas.

A década de 60 é também marcada por intensos movimentos sociais. As rebeliões estudantis, as lutas pelos direitos civis nas quais se destacam o movimento negro e o movimento feminista, o denominado movimento da contracultura, dentre outros, são evidências de que novas idéias e orientações estão emergindo e se desenvolvendo. No campo das ciências sociais, o marxismo, o

estudiosos do campo do currículo, a principal consequência deste movimento de reconceitualização é que ele produz, de certa forma, uma mudança paradigmática no campo do currículo. A preocupação com o desenvolvimento curricular é substituída pelo interesse na compreensão do currículo.

Considerado um movimento que ainda está em desenvolvimento, tendo passado por diversas fases,

poderíamos dizer que, realmente, a partir daí diferentes tendências de orientação crítica se configuraram no campo do currículo, levando a uma grande produção nessa área e a um crescente prestígio desta no interior dos estudos sobre a educação. Destacamos que a reconceitualização do campo foi favorecida pelo cenário social e acadêmico da época, mas gostaríamos, nesse ponto, de destacar a importância, para a área, da chamada "Nova Sociologia da Educação". Podemos dizer que a Nova Sociologia da Educação surgiu na Inglaterra, no início dos anos 70, caracterizando-se como um movimento que colocava em foco a questão do conhecimento escolar pela centralidade desse processo educacional. Os intelectuais ligados a esse movimento, como Michael Young e Basil Bernstein, mostravam em seus trabalhos como as relações de poder estavam presentes na definição e no desenvolvimento de currículos e como estes traduziam ou refletiam as hierarquias sociais presentes na sociedade.

A partir dos anos 70, podemos identificar no campo do currículo uma preocupação em analisar o currículo do ponto de vista político, mostrando como os interesses dos que têm poder na sociedade influenciam as decisões curriculares. Hoje, alguns autores afirmam que diferentes textos ou diferentes discursos estão sendo produzidos no campo do

currículo. O termo "texto" é usado nos estudos de orientação pós-estruturalista e pode ser entendido, em um sentido amplo, como prática social ou produto cultural, ou também como algo que resulte da reflexão e da ação humana. O conceito de texto envolve ainda a idéia de que a realidade humana é fundamentalmente discursiva, tendo portanto a linguagem um papel central em seu interior. Nessa perspectiva, alguns autores⁴ dizem que o currículo pode ser entendido como um texto político, um texto racial, um texto de gênero, um texto fenomenológico, um texto pós-moderno, um texto autobiográfico, um texto estético, um texto teológico, um texto institucional ou um texto internacional. Cada um desses tipos de textos corresponde a uma tendência no campo do currículo. Desta forma, podemos dizer que os estudos do currículo como um texto político, englobam tanto os trabalhos produzidos na tradição das teorias da reprodução como aqueles que trabalham no marco da teoria da resistência. Além disso, muitos trabalhos centrados na questão de raça e gênero, assim como aqueles que discutem as conseqüências do processo de globalização, por exemplo, podem ser lidos como textos políticos à medida que enfatizam essa dimensão como fundamental em suas análises. É óbvio que qualquer texto tem um dimensão

política, mas o que queremos enfatizar é a predominância e a explicitação da dimensão política como aspectos preponderantes em determinados textos.

Nos estudos de currículo como um texto racial, o multiculturalismo aparece como uma temática recorrente. No discurso de currículo como um texto pós-moderno, ganham destaque as abordagens fundamentadas nos estudos culturais, que dão ênfase à construção da subjetividade, através das práticas curriculares da escola. É nesta perspectiva que se defende a idéia de que o currículo deve ser construído por aqueles envolvidos na sua implementação. É por isso que vários intelectuais brasileiros, da área de currículo, criticaram a elaboração dos "Parâmetros Curriculares Nacionais". Para estes educadores, as propostas curriculares não podem ser estabelecidas de cima para baixo, desconsiderando-se ainda as peculiaridades de cada região do país.

A abordagem do currículo como um texto autobiográfico se alimenta de estudos no campo da história e da psicanálise, dentre outros. A história de vida, isto é, a biografia ou a autobiografia, tem sido usada para explicar a prática dos professores/as, mas tam-

⁴ É nesta perspectiva que as tendências presentes no campo do currículo são trabalhadas por Pinar, F. William et alii. *Understanding Curriculum*. New York: Peter Lang, 1995.

bém pode ser usada para implementar mudanças na educação. A compreensão do currículo como um texto estético se contrapõe à busca de certezas e verdades no campo educacional. Esta perspectiva coloca a imaginação como elemento fundamental para o pensamento curricular. Questionando as visões cotidianas e convencionais e procurando ver o conhecimento, o ensino e aprendizagem como se o víssemos pela primeira vez, seriam possíveis novas percepções que contribuiriam para nova compreensão de antigas questões.

Finalizando, podemos dizer que nesse campo, cada vez mais, se reduzem as preocupações com a construção do currículo, que de certa forma foi o cerne da preocupação dos intelectuais da área, no começo do século. Geralmente, em nossos dias, a construção do currículo, independente de nossas posições pessoais, fica a cargo dos livros-textos, dos guias curriculares e da indústria de material didático. Por isso, torna-se extremamente relevante pensar na construção do currículo no espaço da sala de aula, onde as experiências dos alunos se interconectam com as experiências do professor/a. Neste contexto, podemos identificar o currículo como uma mediação entre os artefatos culturais disponíveis

em nossa época, os interesses do aluno e as necessidades coletivas de construção de uma sociedade melhor e mais justa.

Esta abordagem de currículo, ao invés de privilegiar a construção de propostas curriculares oficiais, se volta para o espaço da sala de aula, para a prática curricular, ou seja, para o currículo em ação. É óbvio que neste caso tem que ser considerada a concepção de educação do professor, construída ao longo de sua formação profissional, através de cursos que realizou, das experiências que vivenciou, filtradas pelos seus interesses, valores e disposições pessoais, pois ela irá definir, mais que qualquer proposta oficial, seu estilo de trabalho, a forma como desenvolve sua prática.

No entanto, esses professores podem ser influenciados pelas tendências no campo do currículo, que emergem, tomam corpo e passam a circular no terreno pedagógico, sendo objeto de discussão e análise nos cursos de formação de professores, inicial e em serviço, em palestras, conferências, seminários e congressos, assim também como passam a circular em livros e periódicos do campo educacional. Neste percurso elas atingem os docentes e podem vir a ter influência na sua prática profissional. É assim que elas penetram o universo escolar.

É conhecida a dificuldade em mudar as rotinas da escola, a prática dos professores. Parece, contudo, que a circulação de tantas propostas e idéias novas que, de certa

forma, hoje, bombardeiam as escolas terminará por quebrar resistências e, gradativamente, vir a se tornar parte do repertório pedagógico dos professores/as. Nesse sentido acredito que a produção do campo do currículo pode e tem ajudado aos professores/as, sobretudo, aquela que enfatiza o caráter político do conhecimento escolar, que mostra como a escola tem contribuído para fortalecer as discriminações de gênero, raça e classe social, presentes na sociedade. Além disso, a idéia de que o currículo, tanto no que diz respeito ao conteúdo, como à forma de ensinar, está relacionado com a formação de subjetividades, ao desenvolver determinadas formas de raciocínio, despertar sensibilidades, interesses e moldar valores, pode tornar os professores mais atentos e preocupados com a direção de sua prática. Enfim, é preciso que todas essas tendências, chamadas de abordagens críticas do currículo, circulem cada vez mais e que o eco dessas novas idéias vá se materializando em práticas novas, que tornem a educação mais democrática, passando a ser, realmente, uma forma de inclusão social que propicie às nossas crianças e jovens condições de participar e de usufruir, cada vez mais, dos bens culturais de nossa época.